

UM GRANDE PRAZER

Dever e prazer andam juntos? Dever e prazer podem andar juntos? Perguntas retóricas. Este é o último número da revista que concebi – em cima do esqueleto de uma experiência anterior - com um grupo de colegas e que sustentei, a *mala pena*, por oito anos. Uma revista que, por vontade minha, não queria ser *Qualis* nenhum, pelo contrário, queria ser lida, circular, repercutir, intervir. Começamos e fomos adiante por um bom tempo com uma tiragem de 4.000 exemplares. Uma distribuição interna, regional e nacional rigorosa. Bibliotecas e instituições do Brasil para as quais as mandávamos (aí incluídas as bibliotecas de todas as universidades federais do Brasil) nos cumprimentavam e solicitavam o envio de números que completassem suas coleções. Fizemos várias tentativas de vendas em bancas de revista que, embora exitosas, exigiam um dinamismo e uma flexibilidade que não tínhamos. Apesar do sucesso externo, tardiamente descobrimos que em parte da UFG existia um leve desassossego: muitas Unidades reclamavam de ter que buscar a revista. Foi quando veio à luz que um então servidor, “sensibilizado” com o pesado volume que o pessoal das Unidades devia transportar, resolveu, autonomamente, jogar fora parte das revistas! Um personagem. Desses de que a literatura está farta.

Ninguém acusava quando a revista atrasava, ninguém dizia nada quando a revista nem mesmo chegava às Unidades. Quem nos cobrava “quando vai sair a revista?” eram somente alguns autores que, no geral e cometendo alguma injustiça, pensavam no *Lattes*.

De um número em torno de 60 exemplares para cada Unidade, reduzimos para 3(!). Diminuímos a tiragem para 2.000 exemplares. A Revista UFG está há mais de um ano “fora do ar”. Aprendi que o tempo é peneira.

Agora eu deveria contar um pouco da história da Revista UFG, mas me nego a fazê-lo, se não por outros motivos, por preguiça. Ao invés disso, agradeço de coração a todos os que me ajudaram a fazê-la. Foram pessoas aguerridas. Cada uma delas saiba que estou agradecendo, individualmente, a você que fez parte. A Revista UFG existiu nos oito anos de nossa gestão porque um pequeno grupo de colegas a fez existir. Os erros eu os assumo sozinho. A falta de estrutura era da instituição.

Uma das ideias para esse último número da revista sob a minha direção era que eu escrevesse um artigo que fosse o relatório dos nossos trabalhos na PROEC. Não o fiz. Por motivos que nem eu mesmo entendo, mas, com certeza, por alguma coisa que, em mim, rejeita a burocracia, os relatórios. No lugar, fizemos a entrevista que, de algum modo, tenta recuperar esse percurso, que cada um o avalie democraticamente (fruto dos nossos novos vícios, colocaria aqui um *emoji*, mas, por enquanto, os *emojis* ainda estão banidos deste tipo de texto).

Na seção dossiê, os artigos encomendados pelo Instituto de Estudos Brasil Europa – IBE – sobre a relação Brasil Europa, que, com muita satisfação, acolhemos na Revista UFG. Ao IBE os nossos agradecimentos pela cessão dos direitos de publicá-los e, ao mesmo tempo, as nossas desculpas pelo grande atraso na publicação. O ensaio visual encomendamos a Ciça Fittipaldi também com aquela ideia de balanço. Ciça é grande, o mundo reconhece. Obrigada, Ciça e artistas que colaboraram. Depois o artigo de Gilberto

Mendonça Teles sobre a criação de centros de estudos no Brasil. Somos orgulhosos de, ensejados por essas experiências, termos refundado o Centro de Estudos Brasileiros – CEB, na UFG. Queremos e vamos fazê-lo frutificar. Na data de refundação do CEB, Wolney Unes fez o discurso que aqui publicamos. Ideias e histórias, são o que temos. Nosso norte. Erika Lettry, por nossa encomenda, rastreou os espaços culturais de Goiânia. Trabalho competente, merece ser discutido e aprofundado. Se a nossa imaginação é forjada pelo melodrama, no artigo de Caroline Anielle e Lisandro Nogueira um pouco da teoria de como funciona a coisa. Elias Feijó nos entregou um texto que levanta problemas e aponta rumos. Flávia Cruvinel, a incansável e admirada Flávia Cruvinel, nos conta sobre uma de suas maiores invenções: o música no campus. O desafio que nos propusemos com o música no campus era responder a pergunta: é possível fazer grande partindo de condições mínimas?

E a revista prossegue com suas outras seções. Quem ler, verá. Não queria citar nenhum nome dos que participaram da invenção desta Revista UFG que vocês têm em mãos, mas quando escrevi a palavra seções o nome dele, do inventor das seções da Revista UFG, me veio à mente e o dever de agradecê-lo de forma particular também: Ricardo Musse. Grande inventor de formas, intelectual goiano da maior qualidade. É ele quem sabe tudo de imprensa acadêmica no Brasil. O tempo passa e o novo sempre vem. Saúde Revista UFG, muitos anos de vida!

Anselmo Pessoa Neto
Pró-Reitor de Extensão e Cultura UFG (2006 – 2013)